

Em busca de ideários didáticos nos Estudos da Tradução

Dorothy Kelly (2005), professora do Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade de Granada, na Espanha, afirma que a maioria das aulas de tradução, principalmente aquelas anteriores à década de 1980, limitava-se a solicitar aos alunos a tradução (muitas vezes oral) de um texto jornalístico ou literário, sem que o aluno tivesse tempo para prepará-la. Em seguida, o professor ditava a tradução “correta”, que passava a servir como um modelo, atestando a falta de qualidade profissional das traduções dos alunos e frustrando-os na tentativa de aprender a traduzir, como se o aluno aprendesse a traduzir traduzindo (KELLY, 2005). Segundo a autora, felizmente, esse cenário parece ter se modificado.

Seguindo os novos paradigmas da educação de modo geral – com a consolidação, nos anos 1990, de abordagens de ensino centradas no aluno, em oposição à aula centrada no professor como detentor único do conhecimento –, a pedagogia da tradução, desde o final do séc. XX, partiu do ensino convencional em que o professor atuava como transmissor da tradução certa, com forte apelo à exatidão da transferência linguística, e passou a demandar objetivos claros e sistematizados de ensino (DESLILE, 1993). Incorporou, em seguida, a epistemologia socioconstrutivista (KIRALY, 2000), as abordagens autônomas e de autoformação do tradutor (ROBINSON, 1997[2002]), o ensino por competências e a abordagem por tarefas (HURTADO-ALBIR, 1999). Também insistiu na formação centrada nas especificidades técnicas de cada gênero e tipologia textual, a partir de modelos funcionalistas de análise textual (NORD, 1991), em paralelo à discussão concernente aos impactos positivos e negativos das novas tecnologias aplicadas à tradução e, em especial, dos sistemas de memória de tradução (PYM, 2003; BOWKER, 2005). Complementarmente, chegou aos modelos experimentais de aprendizagem, ensejando a união entre sofisticados *softwares* de pesquisa e análises processuais e cognitivas de protocolos verbais e registros de acionamentos de *mouse* e teclado (TIRKKONNEN-CONDIT, 1989, 1991; ALVES, 1997, 2003).

Aprender a traduzir traduzindo e fornecendo aos alunos a tradução correta de determinado texto – abordagem de ensino muito provavelmente herdada de uma visão estruturalista de linguagem, na qual a tradução é considerada uma operação essencialmente linguística – tornou-se, por assim dizer, insuficiente e incoerente para os professores e para os

pesquisadores dos Estudos da Tradução, que passaram a se perguntar: Quais tipos de textos devem ser traduzidos em um curso de graduação ou de pós-graduação em tradução? (WILLIAMS; CHESTERMAN, 2002) A qual sequência e nível de dificuldade os textos a serem traduzidos devem obedecer para sua possível incorporação em sala de aula? Os cursos devem incluir aulas ou disciplinas específicas para levantamento terminológico? O que se deve solicitar ao aluno antes do início da tarefa tradutória propriamente dita? Como as traduções devem ser avaliadas? (COLINA, 2003[2015]; KELLY, 2005). Em que medida a dimensão cultural deve ser contemplada nas aulas de formação de tradutores? (KATAN, 2004) Que ferramentas podem auxiliar o tradutor na sua tarefa? (PYM, 2003; BOWKER, 2005)

Embora motivadoras e inspiradoras, muitas dessas perguntas ainda não foram respondidas em sua plenitude e os Estudos de Tradução ainda carecem de trabalhos que consolidem e socializem a discussão sobre a formação de tradutores. Mesmo com todas essas perguntas e primeiras tentativas de resposta, ainda se mostra evidente a falta de pesquisas sobre o ensino de tradução.

Em seu texto *“From assumptions about knowing and learning to praxis in translator education”* (“Das suposições sobre o conhecimento e aprendizado à práxis do ensino de tradução”), publicado na revista *InTRAlínea*, vinculada ao Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade de Bolonha, na Itália, Donald Kiraly (2014) afirma que o ensino tradicional da tradução, baseado na epistemologia do empirismo-racionalismo, é demasiadamente dependente da intuição dos professores sobre o que os alunos devem saber e aprender. Para o autor, o problema da ausência de programas acadêmicos direcionados à formação de professores de tradução – que têm que recorrer a suas próprias intuições e à chamada abordagem do senso comum ou, nas palavras de Colina (2015), a uma “pedagogia anedotal” – tem sido o fulcro da questão.

A ausência de diretrizes concretas para o ensino de tradução ressaltada por Kiraly (2014) também ecoa em publicações brasileiras sobre a formação de tradutores. Em 2006, o número temático sobre ensino de tradução, organizado por Adriana Pagano e Maria Lúcia Vasconcellos, apontou uma escassez de trabalhos que discutissem o ensino e a aprendizagem em tradução em suas mais diversas vertentes: a contribuição da teoria para a formação de tradutores; direcionalidade na sala de aula de tradução; desenvolvimento de estratégias tradutórias; novas tecnologias na formação de tradutores; abordagens textuais e discursivas na formação de tradutores; programas universitários de formação de tradutores no Brasil; componentes da

competência tradutória; *corpora* de aprendizes e o desenvolvimento da competência tradutória; o potencial dos *corpora* como ferramentas de auxílio à tradução; o papel da lexicografia na elaboração de currículos; a avaliação na formação de tradutores; e a dimensão cultural no ensino de tradução.

Um dos textos publicados na coletânea de Pagano e Vasconcellos (2006) é o de Gonçalves e Machado (2006), que constataram, em suas pesquisas, a falta de consenso entre os educadores com relação aos critérios que norteiam a formação do tradutor, principalmente no âmbito da graduação. Os resultados desse estudo mostram que os docentes da área utilizam critérios declaradamente subjetivos e aparentemente arbitrários para a seleção dos textos a serem traduzidos pelos alunos. Segundo os pesquisadores, os professores, em geral, centralizam e controlam o processo de aprendizagem, responsabilizando-se pela avaliação das traduções e oferecendo soluções diante de impasses. Quanto às dinâmicas utilizadas em sala de aula, os autores apontam que alguns docentes simplesmente adotam atividades convencionais, nas quais se realizam a leitura do texto original, a sua tradução preliminar oralmente, a elaboração da tradução pelos alunos em intervalo de tempo pré-estipulado e, finalmente, a posterior verificação das opções de tradução junto a todos os alunos; outros professores agregam a essa prática outras atividades que, no entanto, são implementadas à rotina didática de maneira isolada e pouco sistemática. Trata-se de constatações igualmente predominantes na pesquisa de Darin (2001).

Darin (2001) e Gonçalves e Machado (2006) observam um gosto acentuado dos professores de tradução por dicotomias, sempre que procuram definir a natureza da competência tradutória e o método utilizado para orientar o seu desenvolvimento. Isso pode ser observado, por exemplo, no debate recorrente no universo acadêmico sobre a diretriz didático-metodológica a ser adotada na formação do tradutor. Esse debate opõe aqueles que privilegiam o treinamento e a prática (automatização e desenvolvimento de conhecimentos procedimentais) àqueles que privilegiam a reflexão teórica (conscientização e desenvolvimento de conhecimentos declarativos). Embora ninguém negue a importância da teoria da tradução para a formação de tradutores, ainda não há consenso sobre o modo como a teoria e a prática tradutórias deveriam ser relacionadas em sala de aula. A relação entre a teoria e a prática da tradução continua a preocupar os pesquisadores da área, que apontam o abismo separando uma da outra como uma característica arraigada aos Estudos da Tradução (ARROJO, 1998). Essa relação é tanto mais problemática quando se considera a diversidade constitutiva dessa área,

que, tendo nascido como disciplina autônoma no entrecruzamento entre vários campos do conhecimento, não pode se furtar ao enfrentamento dessa diversidade em seu ensino.

Diante do exposto, este número temático sobre Tradução da revista *Letras & Letras*, vinculada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU), foi idealizado com o propósito de dar prosseguimento às discussões suscitadas pelos acadêmicos supracitados e também levantadas pelos próprios docentes do Curso de Tradução do ILEEL, no que tange ao ensino e à aprendizagem de tradução em âmbito universitário. Esses docentes, a maioria dos quais com formação em *pesquisa* em tradução, assumiram, a partir da criação de um Curso de Bacharelado em Tradução, em 2010, as prerrogativas do *ensino* da tradução. Ao propor um número temático sobre o ensino da tradução, pretendia-se produzir um exame do que se tem produzido nessa vertente após a iniciativa de Pagano e Vansconcellos (2006). Não se trata de buscar um “modelo ideal” de formação de tradutores, mas de refletir e explorar tal temática que tanto desafia professores de tradução. Este volume busca(va) igualmente indagar em que medida os debates teórico-práticos realizados pelos pesquisadores têm ressonância na sala de aula de tradução em nível universitário. No entanto, a despeito do fato de o número de instituições que ofertam cursos de graduação e pós-graduação em tradução ter aumentado no país e apesar da chamada para a construção deste volume ter sido veiculada, por meio da internet, nas mais diversas instituições nacionais e internacionais, bem como nas listas de pesquisadores em tradução, poucos trabalhos de fato possuem tangenciamentos didáticos.

As contribuições aqui apresentadas, assim como ocorreu com o número temático organizado por Pagano e Vasconcelos (2006), apresentam-se multifacetadas, atestando o caráter interdisciplinar dos Estudos da Tradução. A partir dessa realidade, os trabalhos estão organizados por meio de temáticas comuns. O primeiro grupo de trabalhos dizem respeito, direta ou indiretamente, às relações de ensino e aprendizagem de tradução. O segundo grupo compreende pesquisas envolvendo *corpora* em geral e textos literários. O terceiro grupo, mais heterogêneo, compreende uma ampla gama de temáticas, que incluem, dentre outras, a prática tradutória, o processo tradutório e a legendagem.

No primeiro grupo, o artigo “Estudos da Tradução: desafios para a formação de pesquisadores e tradutores”, de Célia Maria Magalhães, aponta como a discussão acerca da formação de pesquisadores em tradução e de tradutores enfrenta desafios com o florescimento dos Estudos da Tradução no contexto (inter)nacional e com a diversidade e a

interdisciplinaridade do campo disciplinar. O objetivo do artigo é examinar as interfaces entre as abordagens linguísticas e literárias na formação de pesquisadores da tradução e de tradutores. Magalhães realiza uma revisão das mais recentes tendências no campo disciplinar da tradução e aponta a dificuldade de definição de seu objeto de estudo, apresentando um novo mapeamento conceitual do campo a partir da proposta de Hatim e Munday (2004). Para concluir, a autora apresenta uma reflexão inicial sobre um ponto de encontro das abordagens linguísticas e literárias, pioneiras no campo de estudo, para a formação em tradução.

O artigo de Valdecy Oliveira Pontes e Livya Lea Oliveira Pereira, intitulado “A tradução funcionalista do gênero textual peça teatral para o ensino da variação linguística em espanhol”, vislumbra uma possível aproximação da tradução funcionalista de Nord (1991) com os estudos sociolinguísticos e com os estudos sobre gêneros textuais. Os autores propõem o uso da tradução funcionalista a partir da elaboração de uma sequência didática voltada ao ensino da variação linguística nas formas de tratamento para a segunda pessoa em diferentes países falantes de língua espanhola, utilizando como gênero textual a peça de teatro. Segundo os autores, essa estratégia didática pode proporcionar o aprimoramento e o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos aprendizes, bem como conscientizá-los sobre a heterogeneidade das línguas envolvidas no processo de tradução.

“Léxico tabu em *Los mares del Sur* de Manuel Vázquez Montalbán” é o título do artigo de Angélica Karim Garcia Simão e Flávia Seregati. O trabalho tem como objetivo relacionar a incidência de fatores pragmático-comunicativos na tradução de lexias simples e complexas do léxico tabu, a fim de se estabelecer um método com estratégias e técnicas de tradução específicas. Para Simão e Seregati, que utilizaram como *corpus* a tradução para o português brasileiro da obra *Los mares del Sur*, de Manuel Vázquez Montalbán, realizada por Cid Knipel Moreira e publicada no Brasil pela Companhia das Letras, algumas obras literárias na contemporaneidade fazem uso do léxico tabu, aspirando alcançar maior grau de autenticidade, conferindo ao universo no qual circulam seus personagens o efeito de verossimilhança que os aproxime de contextos de uso real marcados social e historicamente. As autoras relacionam as diferentes técnicas e estratégias de tradução adotadas para essas unidades lexicais às suas motivações de uso, investigando o tratamento dado a esse léxico na tradução literária no par linguístico espanhol-português.

O texto de Érika Nogueira de Andrade Stupiello e Sophie Helena Bannister tem como título “Uma análise da aplicação de sistemas de memórias na tradução de textos jurídicos: o

caso das procurações”. As autoras investigam os possíveis efeitos da adoção do sistema de memória de tradução Wordfast Classic (versão 6.13) por um grupo de alunos de uma universidade estadual do interior paulista, ao traduzir uma procuração do inglês para o português. As pesquisadoras separaram os participantes da pesquisa em dois grupos – um que traduziu a procuração sem apoio de um sistema de memória de tradução e outro que o fez utilizando a ferramenta – com vistas a explorar as influências exercidas por esse tipo de programa no trabalho do tradutor. Os resultados, que mostram tangenciamento didático em nível de graduação, apontam um maior índice de semelhança entre as traduções realizadas com o sistema de memória. Faz-se importante notar que, a partir da investigação implementada por Stupiello e Bannister com os textos jurídicos, outras frentes de investigação se abrem, com possível utilização de outras tipologias textuais, além da possível ampliação da comunidade investigada.

O artigo de Carolina Paganine, com o título “O ensino de teorias da tradução no Curso de Letras”, aborda o ensino de teorias da tradução a partir do percurso histórico brasileiro, que privilegia uma abordagem sobre a tradução que não desvencilha a reflexão teórica da prática e da crítica de traduções, com destaque para as obras de Paulo Rónai (1976/2012), José Paulo Paes (1990) e Paulo Henriques Britto (2012). A autora afirma que tal contextualização histórica serve como ponto de apoio para o ensino de tradução principalmente para turmas multilíngues de Cursos de Letras. Paganine também se baseia nas obras de Haroldo de Campos e Rosemary Arrojo para relacionar teoria e prática, ensejando o debate sobre a questão da fidelidade. A autora afirma que, em turmas compostas por alunos de diferentes línguas estrangeiras (inglês, espanhol, francês, italiano, alemão, latim e grego), como é o caso de alguns Cursos de Letras em cenário nacional, faz-se importante mostrar ao aluno que a tradução é um exercício que provoca questionamentos sobre o quê e como traduzir, estimula o diálogo com os textos teóricos e propicia um adentramento mais aprofundado no estudo da língua estrangeira.

Silvana Aguiar dos Santos e Natália Schleder Rigo são as autoras do artigo “A produção acadêmica sobre Tradução e Interpretação de Libras-Português de egressos da pós-graduação da UFSC”. O objetivo das autoras é mapear, apresentar e discutir as produções acadêmicas (teses, dissertações, artigos e capítulos de livros) sobre Tradução e Interpretação de Libras-Português realizadas por egressos da pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no período de 2000 a 2015. Para as autoras, os resultados apontam: um deslocamento teórico-metodológico de áreas do conhecimento nas quais as produções analisadas se inscrevem

ao longo de quinze anos; uma expressiva concentração de produções acadêmicas em determinada área nos últimos três anos; e uma maior circulação de trabalhos em meios de divulgação e publicação científica vinculados à instituição em questão e em determinadas regiões do contexto brasileiro.

Saindo do grupo de trabalhos mais voltados para aspectos didáticos, começamos com o artigo “Semântica de *frames* e tradução: um estudo da equivalência de tradução de termos culturalmente marcados”, de Anderson Bertoldi, que compila e analisa um *corpus* paralelo de uma obra de cunho social-antropológico que trata da formação da sociedade brasileira, *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, e a sua tradução para o inglês feita por Samuel Putnan, *The master and the slaves*. São discutidas as relações de equivalência para termos culturalmente marcados sob o viés da *semântica de frames*, teoria linguística relacionada à linguística cognitiva. O autor nos convida a repensar o conceito de equivalência, entendendo-o a partir de “aproximações conceituais entre a cultura da língua fonte e a cultura da língua alvo”, e não simplesmente como mera transcodificação.

O artigo “As palavras-chave *tiempo/tempo*: um estudo empírico-descritivo em *corpus* literário traduzido”, de Ariel Novodvorski, analisa um *corpus* paralelo de textos literários, no par linguístico espanhol-português, e investiga aspectos de estilo do texto traduzido. A partir das palavras-chave *tiempo/tempo*, o autor trabalha a “identificação de campos semânticos que apontaram para a temática existencialista do *corpus*”. Em sua análise, o autor constata mudanças no ponto de vista narrativo e pondera que essas mudanças têm implicações sobre a representação mental daqueles que leem os textos traduzidos.

Claudia Maia e Maria Elisa Rodrigues Moreira, no artigo “Italo Calvino e a tradução: ler, roubar, criar”, apresentam as reflexões do renomado escritor italiano sobre a tradução. As autoras apresentam quatro textos de Calvino e, a partir da metáfora do “roubo”, utilizada pelo escritor, exploram o trabalho do Calvino tradutor, que entende a tradução como um processo criativo, um processo de apropriação, uma forma diferenciada de leitura que mostra a língua e a cultura em toda a sua riqueza. Maia e Moreira nos levam a refletir, por um lado, sobre a margem de intraduzibilidade que toda língua tem e, por outro, sobre a necessidade absoluta da tradução para que as diferentes culturas possam se comunicar.

O artigo “*The enchanting soul of the streets: River of January* e a tradução de crônicas de João do Rio para a língua inglesa”, de Mirian Ruffini, apresenta um esquema-modelo para a descrição de tradução segundo Lambert e van Gorp (2006). Seguindo esse modelo e as noções

de patronagem, de Lefevere (1992), a autora analisa a obra *A alma encantadora das ruas*, de João do Rio (1908), e descortina questões em torno da sua edição, organização e planejamento. O trabalho nos traz “uma micro e macro análise descritiva do processo tradutório do livro, enfocando a organização textual, linguística e paratextual da tradução”.

Visando ilustrar a quebra do paradigma predominante no século XX nas traduções de versos franceses, em que predominava a equivalência da forma, o artigo “Traduzir o verso moderno francês no Brasil: aberturas para século XXI”, de Álvaro Faleiros, comenta a tradução de alguns poetas inovadores desse paradigma. A partir de traduções feitas no final do século XX e início do século XXI de clássicos como *As Flores do Mal*, de Charles Baudelaire, e poesias de Mallarmé e Paul Valéry, Faleiros analisa “o esgotamento de um determinado modelo e o surgimento de nova proposta de tradução”, uma reflexão necessária no contexto da tradução de poesia no Brasil.

Andrei Cunha e Victor Kanashiro trazem, no artigo “Suicídio e política em tradução: Mishima como um texto brasileiro”, “uma reflexão crítica sobre a tradução e recepção de Mishima no Brasil, buscando esclarecer aspectos sociopolíticos e artístico-performáticos de seu derradeiro ato”. O escritor de que trata o trabalho é Yukio Mishima, um dos autores japoneses mais traduzidos no Brasil, que cometeu suicídio como um ato social e político no contexto histórico do Japão em 1970. Analisando o impacto da mediação cultural, visto que muitas das obras de Mishima foram traduzidas a partir do inglês, os autores analisam o polissistema brasileiro e a forma como os autores japoneses foram nele inseridos.

O artigo “Sobre a (in)visibilidade do escritor-tradutor: em busca de Mario Quintana e Fernando Py”, de Sheila Maria dos Santos e Sergio Romanelli, propõe-se a realizar um estudo sobre a prática de tradução literária por escritores-tradutores, sob a perspectiva de duas abordagens teóricas: a invisibilidade, proposta por Venuti; e a transcrição, de Haroldo de Campos. A intenção dos autores é problematizar essas abordagens, que, embora distantes em diversos aspectos, de certa forma partilham de pressupostos relevantes e mostram-se sensíveis à influência de aspectos do contexto de produção.

No terceiro grupo, temos uma coleção mais heterogênea de textos. Dois deles abordam questões experimentais/processuais. Um tem como enfoque o Direito Comparado e a prática tradutória de especialistas. Um se volta para a interpretação no Brasil. Dois investigam questões de legendagem. Por fim, dois artigos e uma entrevista tratam da prática tradutória.

Com enfoque na experimentação, Gleiton Malta, no artigo “O conceito de (re)tradução

sob uma abordagem processual: um estudo empírico-experimental baseado em rastreamento ocular”, traz uma pesquisa inovadora por adotar um desenho experimental que contempla vários insumos como texto de partida. Partindo da hipótese da retradução, desenvolvida com base no produto tradutório, o autor explora o conceito de (re)tradução sob uma abordagem processual, trazendo um modelo desse tipo de tarefa a partir de dados de rastreamento ocular. O autor mostra como esse tipo de tarefa perpassa outras noções e práticas além da tradução propriamente dita, como a revisão, a cópia e a reedição, suscitando, inclusive, dúvidas quanto à autoria do texto (re)traduzido.

Também orientados para pesquisas processuais, Norma Barbosa de Lima Fonseca e Fabio Alves, no artigo “*Assessing complexity and difficulty levels of machine-translated texts*”, trazem uma importante contribuição para os estudos processuais da tradução. Os autores arrolam possíveis indicadores de complexidade e dificuldade de textos a serem avaliados para a seleção e adoção em estudos empírico-experimentais. Destacam-se, no trabalho, a preocupação em levantar métricas para a língua portuguesa compatíveis com as já existentes na língua inglesa e o seu uso em textos traduzidos pelo Google Translate para fins de edição monolíngue. Essas métricas se revestem de importância para assegurar que os textos e, conseqüentemente, as tarefas sejam equiparáveis e comparáveis, viabilizando-se, assim, o cotejo entre diferentes experimentos.

O artigo “A encenação da tradução e suas reformulações no discurso do Direito Comparado”, de Marcia Atalla Pietroluongo, volta-se para o papel tradutório de juristas comparatistas, que não são tradutores profissionais no sentido estrito, mas, no exercício de suas funções, precisam traduzir para comparar. A autora, com base nas noções de autonomia e modalização autonímica, questiona “que contribuições o Direito Comparado pode trazer ao campo da Tradução Jurídica e a seu ensino, examinando como os juristas lidam com os impasses comparativos e tradutórios aos quais são confrontados ao estudarem e descreverem sistemas jurídicos estrangeiros”. Como a autora evidencia, têm-se em jogo aqui não apenas diferenças entre línguas, mas também entre institutos e instituições.

No artigo “Estudos sobre interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira”, Patrícia Cavallo e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard investigam as tendências atuais das pesquisas brasileiras sobre interpretação. Partindo de uma análise de teses e dissertações defendidas entre 2006 e 2015 e de artigos publicados nesse mesmo período, as autoras nos mostram como a pesquisa nessa área, embora ainda bastante incipiente, revela, em termos

quantitativos, indícios de ascensão nos últimos anos. Como as próprias autora apontam, uma compreensão do atual estado da arte suscita reflexões sobre inúmeras questões em torno da formação e da prática dos intérpretes, bem como da teoria e dos estudos da tradução/interpretação. Trata-se de uma tarefa premente, haja vista a crescente demanda do mercado e a necessidade de “formar pessoas que tenham as competências, os conhecimentos e a sensibilidade imprescindíveis para atuarem como pontes entre diferentes sistemas linguístico-culturais”.

Ítalo Alves Pinto de Assis e Vera Lúcia Santiago Araújo, no artigo “A tradução de música e ruídos na Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) do filme *O Palhaço*”, investigam a tradução de músicas e ruídos, fundamentais para a compreensão de um filme, texto multimodal, por espectadores surdos ou ensurdecidos. Trata-se de uma pesquisa baseada em *corpus* que enfoca um objeto de estudo ainda pouco investigado, mas de suma importância para a acessibilidade. Os autores – que encontraram resultados positivos em alguns aspectos, mas negativos em outros – apontam que pesquisas dessa natureza são bem-vindas a fim de levantar, corroborar e refutar hipóteses, bem como identificar padrões nas traduções de efeitos sonoros na LSE de filmes brasileiros.

Gabriela Rockenbach de Oliveira e Cristiane Krause Kilian, no artigo “Legendagem e marcadores culturais: análise da tradução para o inglês do filme *Lisbela e o Prisioneiro*”, analisam as modalidades de tradução utilizadas para as peculiaridades linguísticas da região nordestina brasileira presentes nesse filme de 2003. As autoras encontram tanto casos de neutralização de muitas dessas marcas como casos de escolhas criativas e coerentes nas legendas em língua inglesa. Em sua análise, as autoras também problematizam o fato de que as legendas implicam limitações espaciais e temporais que muito provavelmente têm impacto nas escolhas dos legendistas, que evitam, por exemplo, a explicitação, aparentemente comum em textos escritos.

Daniel Alves, Camila Braga e Tânia Liparini, no artigo “*Translation and ethics: making translation choices ideologies that underlie the source text*”, apresentam reflexões baseadas em uma experiência de tradução de um texto do século XIII que suscitou debates a respeito de ideologias colonialistas e sexistas. A experiência foi vivida no âmbito de um projeto de extensão do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em que alunos, sob a supervisão de professores, fornecem traduções para a comunidade local. No referido artigo, são apresentados exemplos de problemas de tradução que impuseram decisões

difíceis a uma tradutora em formação, que buscou adotar uma linguagem mais inclusiva no texto-alvo e, ao mesmo tempo, revelar a natureza dos argumentos do texto-fonte.

Também voltados à prática tradutória, Kícila Ferreguetti, Júlia Rodrigues e Adriana Pagano, em “Variáveis contextuais na produção de significado: a tradução de instrumentos de mensuração para uso nos serviços de Saúde”, apresentam reflexões sobre três versões de tradução de um questionário utilizado na área da Saúde. O estudo se destaca não apenas por analisar os textos de acordo com o referencial da linguística sistêmico-funcional, mas também por sugerir uma etapa complementar à metodologia usualmente adotada na área de Saúde para a tradução de questionários. Trata-se do resultado de uma colaboração interdisciplinar que permitiu, ao final da etapa de adequação cultural, chegar a um texto de caráter mais dialógico em contraste com as demais versões anteriores, mais monológicas.

Igualmente interessada na prática tradutória, Luciana Carvalho Fonseca, na entrevista “*Translation and beyond: Machado’s Resurrection and Nassar’s Ancient Tillage, an interview with Karen Sotelino*”, traz uma interessante entrevista com uma pesquisadora e tradutora de Machado de Assis e Raduan Nassar para a língua inglesa. A entrevista perpassa questões marcantes do mercado editorial e das experiências tradutórias de Karen Sotelino. A tradutora nos conta como é difícil publicar nesse mercado e nos conta um pouco sobre como lida com a teoria e com a prática tradutória. Dentre outros aspectos, aponta a tradução literária como um exercício individual e revela uma preocupação com as escolhas feitas pelo tradutor, que deve evitar clichês ao traduzir escolhas atípicas do autor na língua-fonte.

Por fim, José Luiz Vila Real Gonçalves, na resenha “*Ensino de tradução*, de Sonia Colina: contribuições atuais para a didática da tradução”, encerra este volume, retomando questões da didática da tradução em sua apresentação da obra *Ensino da tradução: da pesquisa à sala de aula. Diretrizes para professores* (COLINA, 2015), traduzida do original de 2003 *Translation teaching: from research to the classroom. A handbook for teachers*. Gonçalves mostra como a obra de Colina ainda é atual e sua tradução é bem-vinda e oportuna em um cenário nacional marcado pela disseminação dos cursos de tradução, porém com poucas pesquisas sobre ensino de tradução e formação de tradutores.

Como se pode observar, a resenha, a entrevista e os 21 artigos que fazem parte deste volume apresentam uma heterogeneidade que em boa medida retrata as múltiplas facetas da tradução e dos Estudos da Tradução. Alguns desses artigos estabelecem interfaces com a didática da tradução, enquanto outros trazem contribuições implícitas que podem ser inferidas

para a formação de tradutores. De todas as formas, todos têm seus méritos e qualidade, tendo passado por um rigoroso processo de análise e avaliação cega por pares, que ensejou a revisão mínima ou substantiva de todos os que ora se apresentam. No entanto, dada a complexidade da área e também as visões divergentes que é possível – e necessário – ter sobre o mesmo objeto de estudo, não podemos nos furtar de aqui sublinhar que os artigos desta coletânea de forma alguma representam, em sua totalidade, os interesses ou opiniões individuais dos editores. Pelo contrário, representam as múltiplas facetas e interfaces dos Estudos da Tradução, um campo disciplinar abrangente, em evolução, com ideias, métodos, metodologias, instrumentais e arcabouços teóricos tão diversos quanto as possíveis combinações entre os pares linguísticos, os possíveis tipos de texto e os possíveis caminhos que levam à existência de um texto-fonte e um texto-alvo tidos como em relação de tradução.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Igor A. Lourenço da Silva (UFU)
Marileide Dias Esqueda (UFU)
Silvana Maria de Jesus (UFU)

Referências

ALVES, F. A formação de tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. **TradTerm**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 19-40, 1997. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1997.49851>

_____. Tradução, cognição e contextualização: triangulando a interface processo-produto no desempenho de tradutores novatos. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 19, p. 71-108, 2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502003000300006>

ARROJO, R. The revision of the traditional gap between theory & practice and the empowerment of translation in postmodern times. **The Translator – Studies in Intercultural Communication**, v. 4, n. 1, p. 25-49, 1998.

BOWKER, L. Productivity vs quality: a pilot study on the impact of translation memory systems. **Localisation Focus**, v. 4, n. 1, p. 13-20, 2005.

COLINA, S. **Teaching translation: from research to the classroom**. Boston: McGraw Hill, 2003.

_____. **Ensino de tradução: da pesquisa à sala de aula**. Diretrizes para professores. Tradução de Marileide Dias Esqueda, Paula Godoi Arbex, Sandra Aparecida Faria de Almeida, Silvana Maria de Jesus e Stéfano Paschoal. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DARIN, L. C. M. Exame crítico do ensino da tradução em nível universitário. **Contexturas**, n. 5, p. 59-78, 2001.

DESLILE, J. **La traduction raisonnée**: manuel d'initiation à la traduction professionnelle de l'anglais vers le français. Ottawa: Ottawa University Press, 1993.

GONÇALVES, J. L. V. R.; MACHADO, I. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 45-69, 2006.

HURTADO-ALBIR, A. **Enseñar a traducir**: metodología en la formación de traductores e intérpretes. Madri: Edelsa, 1999. (Col. Investigación Didáctica).

KATAN, D. **Translating cultures**: an introduction for translators, interpreters and mediators. Manchester: St. Jerome, 2004.

KELLY, D. **A handbook for translator trainers**: a guide to reflective practice. Manchester, UK: St. Jerome, 2005.

KIRALY, D. **A social constructivist approach to translator education**: empowerment from theory to practice. Manchester: St. Jerome, 2000.

_____. From assumptions about knowing and learning to praxis in translator education. **InTRAlínea**, Bolonha, v. 16, p. 1-11, 2014.

NORD, C. **Text analysis in translation**: theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis. Amsterdã: Rodopi, 1991.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. Apresentação. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 17, p. 9-17, 2006.

PYM, A. Redefining translation competence in an electronic age. in defence of a minimalist approach. **Meta: Translators' Journal**, Montreal, v. 48, n. 4, p. 481-497, 2003.

ROBINSON, D. **Becoming a translator**: an accelerated course. 1. ed. Nova York: Routledge, 1997.

_____. **Construindo o tradutor**. Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2002.

TIRKKONEN-CONDIT, S. Professional versus non-professional translation: a think-aloud protocol study. In: SÉGUINOT, C. (Ed.). **The translation process**. Toronto: HG Publications, 1989.

_____. (Ed.). **Empirical research in translation and intercultural studies**. Tübingen: Günther Narr, 1991.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The map**: a beginner's guide to doing research in translation studies. Manchester: St. Jerome, 2002.